

O ESPÍRITO SANTO NA VIDA E NA MISSÃO DE MARIA

*Prof. Dr. Pedro K. Iwashita CSSp**

RESUMO

Este artigo analisa alguns textos bíblicos que tratam da presença do Espírito Santo na vida e na missão de Maria. Primeiramente, destaca-se a presença do Espírito Santo no mistério da Encarnação. Na Anunciação, o Espírito Santo cobre Maria com a sua sombra, para que dela nasça o Filho de Deus, o Salvador da humanidade. Maria esteve presente, também, em Pentecostes, momento em que a comunidade dos discípulos, junto com Maria, está reunida em oração, onde o Espírito Santo deu nascimento à Igreja.

Palavras-chave: *Espírito Santo. Maria. Missão. Igreja.*

ABSTRACT

This article analyses a number of biblical texts which tell of the presence of Holy Spirit in the life and mission of Mary. First of all this article emphasizes the presence of the Holy Spirit in the Incarnation. At the Annunciation, the Holy Spirit Mary covers with its shadow, so that it is born the Son of God, the Savior of Mankind. Mary was also present on the day of Pentecosts, when the community of disciples got together with Mary in prayer, the Holy Spirit gave birth to the Church.

Keywords: *Holy Spirit, Mary, Mission, Church.*

INTRODUÇÃO

No nascimento da Igreja, através da vinda do Espírito Santo em Pentecostes, não podia faltar a figura de Maria: “Tendo entrado na cidade, subiram à sala superior, onde costumavam permanecer. Eram Pedro e

* Padre Pedro K. Iwashita, CSSp, é Professor titular da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e chefe do Departamento de Teologia Fundamental da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutorado em Teologia Dogmática pela Universidade de Fribourg, Suíça.

João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele” (At 1,13-14), e “tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como o agitar-se de um vendaval, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem” (At 2,1-4).

Durante cerca de três anos, Jesus tinha formado o grupo que seria, mais tarde, as colunas da sua Igreja. Os apóstolos foram testemunhas qualificadas: “cheias da força do Espírito Santo” da sua ressurreição. Os escolhidos eram doze ao todo, contando com Judas Iscariotes, que o traiu. E para ocupar o lugar dele, foi escolhido Matias, que foi associado aos onze apóstolos (At 1,25-26). Assim, os doze ficaram sendo: Pedro e André; João e Tiago; Filipe e Tomé; Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu; Simão, o Zelote; Judas, filho de Tiago e Matias. Todos eles tinham acompanhado Jesus durante o tempo de sua permanência. Eles o conheciam bem e podiam ser testemunhas qualificadas de sua ressurreição.¹

A força do testemunho vem do poder do Espírito Santo, que Jesus tinha prometido aos discípulos, por meio de palavras pronunciadas em Betânia, no monte das Oliveiras: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso. Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneçei na cidade até serdes revestidos da força do alto” (Lc 24,45-49). Essa força prometida pelo Pai é aquela que desce sobre Maria e os Apóstolos, no dia de Pentecostes, conforme Jesus ressuscitado: “recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Aqui temos os fundamentos para a fé, na presença do Espírito Santo e na vida da Igreja. Desde o seu início, em Pentecostes, a Igreja nasce coberta

¹ Cf. NEVES, Audálio. *Maria no Evangelho*, p. 129.

sob a proteção do poder do alto. E, na Igreja nascente, está presente o grupo de discípulos: homens e mulheres que acreditavam em Jesus. Entre essas pessoas estava Maria, a Mãe de Jesus, a discípula fiel. O Espírito Santo é prometido a todos os que, crendo em Jesus e se convertendo, recebem o batismo. Temos, portanto, os elementos essenciais para uma Pneumatologia, uma teologia do Espírito Santo, sua ação na Igreja e nos cristãos.

Maria, primeira discípula fiel de seu Filho Jesus, é aquela que foi coberta pela sombra do Espírito Santo: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35).

1. O PENTECOSTES DE MARIA: O ESPÍRITO SANTO NA VIDA E NA MISSÃO DE MARIA

1.1. Maria e o Espírito Santo no Evangelho de Lucas

A expressão *pneuma hagion* (Espírito Santo) aparece seis vezes nos dois primeiros capítulos de São Lucas e, em três delas, se repete a fórmula: “pleno do Espírito Santo” (Lc 1,15). Falando a respeito de Zacarias, se diz: “o Espírito Santo estava nele” (Lc 2,25), e também: “fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo Senhor” (Lc 2,26). João Batista recebe o Espírito ainda no seio materno, por ocasião da Visitação de Maria à sua prima Isabel. A concepção e a gestação de João Batista, apesar da intervenção divina, se realizam de forma natural. João recebeu o dom do Espírito Santo, para cumprir a sua missão de precursor de Cristo e preparar sua vinda messiânica.²

Isabel e Zacarias não precisaram de uma intervenção do Espírito para conceber e tornar possível o nascimento do seu filho João. Eles receberam o Espírito Santo para serem testemunhos públicos da misericórdia de Deus. Isabel “ficou repleta do Espírito Santo” (Lc 1,41), para exaltar a fé e a atuação de Deus em Maria e, Zacarias, no nascimento de seu filho João, ficou “repleto do Espírito Santo” (Lc 1,67), para profetizar e proclamar o Precursor do Esperado por todas as nações. Da mesma forma, Simeão, o ancião, recebeu o dom do Espírito Santo para ser testemunha ocular da vinda do

² Cf. ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*, p. 28-29.

Messias e exaltá-lo no templo, mostrando profeticamente como a redenção iria se operar (Lc 2,34-35).

Nestas narrações se trata sempre da intervenção de Deus em pessoas escolhidas para alguma missão específica. Esta ação do Espírito se enquadra em continuidade com o dom profético do Antigo Testamento, em que o Espírito é a força dinâmica do único Deus verdadeiro, enquanto atua carismaticamente sobre os profetas.³

O sexto texto, em que aparece a expressão *pneuma hagion*, é o da Anunciação do anjo Gabriel à Maria, que tem a estrutura dos anúncios do Antigo Testamento: presença do mensageiro divino, presença de temor na pessoa receptora da mensagem, comunicação da missão encomendada por Deus, questionamento ou pergunta do protagonista, refutação do questionamento ou resposta à pergunta por parte do enviado divino e sinal de confirmação da promessa.⁴

Na Anunciação, depois da pergunta de Maria: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1,34), o anjo Gabriel lhe responde: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1,35). Aqui é muito significativa a identidade verbal entre este texto e Atos 1,8: “recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós”. Este paralelismo indica que a descida do Espírito Santo sobre Maria não pode ter um sentido sexual, porque em ambos os casos deve aplicar-se a mesma maneira da vinda do Espírito Santo.⁵ Em Lucas 1,35, a expressão: “cobrir com a sua sombra”, se refere ao poder de Deus que protege e ajuda o homem. Porém, o relato lucano contém um elemento de grande valor, pois qualifica e determina a atitude de Maria, que é a sua aceitação voluntária e livre da geração de Cristo nela. Ela não é um elemento passivo na ação divina da encarnação do Filho. Maria assume a maternidade virginal do Verbo encarnado e a ela se associa indissolivelmente a maternidade do novo povo messiânico, gerado pela obra redentora

³ Ibid., p. 29.

⁴ Cf. S. Muñoz Iglesias. *El Evangelio de la Infancia em San Lucas y las infâncias de los héroes bíblicos*. In: EstB 16(1957) 335, *apud*. Eleizalde, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*, p. 30. Cf. também. Brown, R. E. *et alii. María no Novo Testamento*, p. 123-124.

⁵ Cf. ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María*, p. 31.

de Cristo. Eis, portanto, o significado da contribuição de Maria na obra da redenção e em todo o papel do Espírito Santo nessa obra.

Nos textos do evangelho da infância de São Lucas, há uma dupla perspectiva da apresentação do Espírito Santo. De um lado, há uma continuidade com a atuação veterotestamentária do Espírito, em sua missão profética, como no caso de Isabel, Zacarias, João e Simeão – em que o espírito profético do Antigo Testamento levou até o final da linha da antiga aliança. Por outro lado, aparece a ação do Espírito Santo em sua ação criadora e que, através de Maria, faz surgir a realidade da nova e definitiva aliança em Cristo Jesus.⁶

1.2. Maria e o Espírito Santo em Pentecostes

Para os exegetas, é patente a existência de um verdadeiro paralelismo entre o relato da Anunciação e a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, entre o nascimento do Messias e o nascimento da Igreja e, em ambos os acontecimentos, a existência de uma participação ativa e pessoal de Maria. Vimos a semelhança terminológica e conceitual entre Lc 1,35 e At 1,8, em que se menciona o Espírito Santo, o *pneuma hagion* e a *dynamis* divina, e em ambos os casos a ação do Espírito Santo produz algo novo e transcendente: em Lc 1,35 se mostra a vinda do Messias, e em At 1,8 se anuncia o nascimento da Igreja, o novo povo de Deus. Maria ocupa um lugar primordial nessa Igreja nascente: “todos (...), unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14).⁷

Na menção de “Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14), o que chama atenção é que Lucas deixa bem claro que se trata da “mãe de Jesus”, com toda a significação que esse título supõe, isto é, não somente mãe no sentido biológico, mas que inclui o sentido transcendente, expressado em Lc 8,21: “minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.⁸ Nessa perspectiva, Maria é um elemento singular

⁶ Cf. PIKAZA, Xabier. *La madre de Jesús. Introducción a la mariología*, p. 231ss.

⁷ Cf. ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María*, p. 35.

⁸ Falando sobre a Encíclica *Redemptoris Mater* de João Paulo II, Cardeal Joseph Ratzinger disse que “só aparentemente estamos aqui perante declarações antimarianas. Na realidade, estes textos abrem a um importantíssimo duplo reconhecimento. Primeiro: para além do nascimento físico de Cristo, que aconteceu uma vez, há uma outra dimensão da maternidade

e preeminente da Igreja. Ela é o paradigma de todo discípulo, modelo do crente e exemplo de vida orante. Ela testemunha o nascimento humano de Jesus, o caminho de sua infância: Jesus não poderia ser recebido na igreja como plenamente humano, se faltasse o testemunho vivo de uma mãe que o engendrou e o educou.⁹ Dentro da Igreja, Maria é uma parte de Jesus, sinal de unidade, permanecendo no centro dos grupos, um pouco acima dos apóstolos, mulheres e parentes de Jesus. Maria aparece dentro da Igreja, que nasce em Pentecostes, como membro eminente e como sinal de união e da presença do Senhor Ressuscitado.¹⁰

São Lucas, nos Atos dos Apóstolos, não diz exatamente quem estava presente no momento da vinda do Espírito Santo. Narra que: “estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2,1). Esse “todos” indeterminado pode se referir exclusivamente aos doze apóstolos ou aos cento e vinte seguidores, que constituíam a comunidade de discípulos. A opinião mais comum entre os especialistas é que “todos” equivale ao grupo dos cento e vinte discípulos mencionados em At 1,15: “naqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos – os número das pessoas reunidas era de mais ou menos cento e vinte”, e a aceitação é pacífica sobre a presença de Maria no momento da efusão do Espírito Santo, uma vez que se pode dizer que a ação carismática pentecostal tem, em Maria, seu paradigma; ela é o modelo dos discípulos que, de forma sensível e vivencial, receberam o dom do Espírito de Cristo em Jerusalém.¹¹

Na teologia de São Lucas, o Espírito Santo modela e orienta os fios da vida da humanidade. Lucas sintetiza a história da salvação em três grandes seções: o tempo de Israel, em que o Espírito Santo dirige o povo de Israel até o Messias; a vida pública de Cristo, desde o batismo até a Ascensão e, neste tempo, o Espírito sustenta a pessoa de Jesus e o dirige no caminho da obra redentora; o tempo da Igreja, que começa no dia de Pentecostes e vai até o final dos tempos, e cuja alma é o Espírito Santo. Aqui Maria é a pessoa

que pode e deve continuar a existir. O segundo reconhecimento é: esta maternidade que continuamente faz nascer Cristo, repousa na escuta, na conservação e na prática da palavra de Jesus. Ora precisamente Lucas, a cujo Evangelho estas duas passagens pertencem, apresenta Maria como o paradigma da escuta da palavra, aquela que é portadora da palavra, a conserva e a faz amadurecer”. Ratzinger, Cardeal Joseph; Von Balthasar, Harns Urs. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. p. 53-54.

⁹ Cf. PIKAZA, Xabier. *La madre de Jesús. Introducción a la mariología*, p. 231ss.

¹⁰ Cf. ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María*, p. 37.

¹¹ *Ibid.*, p. 37.

na qual, pela ação do Espírito Santo, se cumprem plenamente todas as promessas messiânicas, tornando-se paradigma daqueles que crêem e seguem a Cristo, recebendo a força do Espírito do Senhor no dia de Pentecostes,¹² e isto significa que, em Maria, e somente nela, se uniram os dois pentecostes: o veterotestamentário e o eclesial, o nascimento de Jesus e o nascimento da Igreja.¹³ Com isso, fica evidente que a maternidade de Maria não é apenas um acontecimento biológico que aconteceu uma vez, mas ela permanece, sim, como mãe e com a totalidade de sua pessoa.¹⁴ Segundo o Cardeal Joseph Ratzinger, “no Pentecostes, no momento do nascimento da Igreja, graças ao Espírito Santo, isto se torna concreto: Maria está no centro da comunidade orante que, graças à descida do Espírito, se torna Igreja. A correspondência entre a encarnação de Jesus, em Nazaré, pelo poder do Espírito Santo e o nascimento da Igreja no Pentecostes, é iniludível. ‘A pessoa que une estes dois momentos é Maria’ (Redemptoris Mater, n. 24)”¹⁵

Deste modo, o caminho da peregrinação da fé de Maria encontrou, em Pentecostes, seu cume de disponibilidade ao Espírito de Deus. Na Igreja nascente, Maria é a predileta do Paráclito, um membro paradigmático, sinal do cumprimento das promessas veterotestamentárias. Em Maria, o povo de Israel, representado por ela, se converteu em princípio da Igreja, e mediante o Espírito, Maria se encontra vinculada não somente ao Filho, mas também ao seu Corpo Místico, ou seja, à comunidade eclesial.¹⁶

1.3. Maria e o Espírito Santo no Evangelho de João

Prescindindo de outros pontos que seriam interessantes tal como Mt 1-2, mas aqui restringir-se-á a três passagens da tradição joanina significativas, para o tema Maria e o Espírito Santo: Jo 2,1-12; Jo 19,25-27 e Ap 12.

¹² Ibid., p. 38. Cf. PIKAZA, Xabier. *La madre de Jesús. Introducción a la mariología*, p. 264ss. Cf. Pikaza, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*, p. 42s.

¹³ Cf. PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*, p. 44s.

¹⁴ Cf. RATZINGER, Cardeal Joseph; Von Balthasar, Hans Urs. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. p. 54.

¹⁵ Ibid., p. 54.

¹⁶ Cf. PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*, p. 44.

1.3.1. Bodas de Caná

Em Jo 2,1-12, na perícopes sobre a mãe de Jesus e o banquete das bodas de Caná, o que surpreende, inicialmente, é que Maria não aparece no contexto do nascimento do Logos, mas ao dizer que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), fica implicado o seu nascimento humano e a pessoa da mãe e é lógico que São João falasse então de Maria. Mas São João não cita o nome de Maria, ele a chama de mulher ou mãe de Jesus.¹⁷ A razão disso seria porque, na época em que São João está escrevendo, a figura de Maria já tinha sido integrada no simbolismo da Igreja e não interessava a história de Maria como tal, mas o significado dela dentro do mistério da encarnação do Verbo, porque a recordação da mãe de Jesus conserva-se e se transmite. E tão grande era a sua veneração, e tão forte o sinal e a palavra que a evocava dentro da Igreja, que ela aparece como uma das figuras mais significativas do evangelho.¹⁸

O que importa para São João não é tanto a história do nascimento de Jesus, mas o começo de sua história, pois depois do chamado dos discípulos, vem a realização do primeiro sinal (Jo 2,12). Diz o evangelho que a mãe de Jesus estava presente no casamento, em Caná da Galiléia. Este é o contexto da realização do grande sinal por Jesus e a sua manifestação. O matrimônio é o lugar da manifestação escatológica, o cenário do gesto de Jesus que se revela como esposo definitivo diante dos homens e é neste contexto que está presente a mãe de Jesus, pois diz São João: e “a mãe de Jesus estava ali” (Jo 2,1). Para São João, Maria é uma mulher concreta, mas ela é principalmente o sinal da história israelita. Diante da falta de vinho no casamento, a mãe de Jesus observa: “eles não têm mais vinho” (Jo 1,3) e, a partir dessa fala de Maria, a história das bodas vai se desenrolar em Caná. A palavra de Maria deve ser entendida no contexto da história de Israel, que é o povo da expectativa e da esperança, o povo que invoca

¹⁷ Segundo Cardeal Joseph Ratzinger, “E sem dúvida que esta designação de João tem por trás a intenção de elevar Maria como a ‘mulher’ em geral, de forma universalmente válida e simbólica” RATZINGER, Cardeal Joseph; VON BALTHASAR, Hans Urs. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. p. 56. Cf. *Credo de Paulo VI*: “Cremos que a santíssima Mãe de Deus, a Nova Eva, mãe da igreja, continua no céu a sua tarefa maternal a favor dos membros de Cristo, na medida em que participa no nascimento e na formação da vida divina nas almas dos redimidos” *apud Redemptoris Mater*, n. 47.

¹⁸ *Ibid.*, RATZINGER, Cardeal Joseph; VON BALTHASAR, Hans Urs. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. p. 50.

Deus e diz: na festa deste mundo falta o vinho que é o reino. A resposta de Jesus parece ser evasiva: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Agora, tudo vai depender de como Maria vai reagir. O Evangelista sabe que grande parte dos israelitas havia respondido a Jesus abandonando-o ou sendo incrédulos ou negando-o. Maria, no entanto, dá uma resposta diferente: ela aceita o que Jesus disse, reconhecendo a ele e a sua missão, não determinando o que ele deve fazer, mas a palavra da mãe de Jesus sempre será: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Em Lc 1,38, Maria se pôs nas mãos do Espírito, dizendo: “eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”. Agora, a palavra de Maria, em meio ao incerto casamento deste mundo, é “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5), ou seja, no centro encontra-se a palavra de Jesus. A mulher, sua mãe, deve limitar-se a dizer: “cumpri a sua palavra”. Depois disso, a água das velhas abluções rituais de Israel se transfigura e se converte em vinho novo, superabundante, poderoso, ilimitado das bodas de Deus neste mundo.¹⁹ Ora, esse vinho novo, o “vinho do reino” é o sinal da presença do Espírito, a plenitude de vida que Jesus oferece aos pobres, através de sua presença e de sua palavra, pois o Espírito é o espírito de Jesus, como seu dom definitivo, as primícias da redenção. A quem tem sede Jesus diz: “se alguém tem sede, que ele venha a mim e que ele beba, aquele que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37-38).

Para São Lucas, o que importa é o nascimento de Jesus e para isso Maria aparece como cheia e transbordante do Espírito. São João tem em mente a vida pública de Jesus, e a mãe de Jesus tem uma função profética, missionária, conduzindo os homens a Cristo, levando-os ao campo do Espírito. Por isso, Maria é importante não somente por ter concebido Jesus, mas principalmente porque ela crê nele, e a sua fé desperta a fé dos discípulos em Jesus, ela os leva para o mistério do Espírito e diz João: “esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Não somente os discípulos creram em Jesus, mas até os seus familiares, pois São João diz: “depois disso, desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos” (Jo 2,12), e isso parece assegurar que os chamados irmãos de

¹⁹ Ibid., p. 52.

Jesus, junto com os discípulos e a Mãe, integraram o primeiro grupo núcleo da Igreja. A relação entre Maria e o Espírito está, portanto, bastante clara no texto de São João do relato das bodas de Caná.

1.3.2. Aos pés da Cruz

As cenas das Bodas de Caná estão concatenadas com o quadro central da crucifixão: “depois, sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse, para que se cumprisse a Escritura até o fim: “Tenho sede!” Estava ali um vaso cheio de vinagre. Fixando então, uma esponja embebida de vinagre num ramo de hissopo, levaram-na à sua boca. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: ‘Está consumado!’ E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,28-30). Não se trata aqui apenas de uma sucessão cronológica dos acontecimentos, mas trata-se de uma sucessão lógica, algo que era necessário que Jesus fizesse, e em conexão com ele, a comunicação do Espírito por Jesus.²⁰

Numa leitura imediata, constata-se que o Evangelista quer narrar o instante mesmo da morte de Jesus ao dizer: “E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Numa segunda interpretação, comparando esta redação com os textos paralelos dos outros três evangelhos, constata-se que São Marcos e São Lucas usam a mesma expressão *expiro* (*ekpneim*) e Mateus usa “entregou o espírito” (Mt 27,50) (*apheinai*), enquanto João fala em “entregou o espírito” (*paradidonai*), que expressa um sentido de voluntariedade consciente. Segundo os especialistas, em João, Jesus se comporta como um protagonista ativo, confiando uma missão à sua Mãe e ao discípulo amado, que se cumpra a Escritura e inclusive no momento de sua morte inclina a cabeça e “entrega” o espírito.²¹

Em Jo 7,39, se diz: “Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado”, mas na Cruz, que para São João é a hora da glorificação, é o momento em que Jesus “entrega o Espírito” para o novo povo de Deus, representado naquele momento por Maria e pelo discípulo amado. A entrega

²⁰ Cf. F. F. RAMOS. *El Espíritu Santo y María em los escritos joánicos*. In: EphMar 28 (1978), 179, *apud* ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 41.

²¹ Cf. ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 41.

do Espírito no evangelho de São João acontece na verdade depois da ressurreição, mas isto já é nada mais que a manifestação exterior e solene do que ocorreu na cruz, no Calvário aos pés da cruz, onde Maria recebeu uma nova efusão do Espírito, efusão esta, que é extensível aos filhos e filhas, que recebeu por uma decisão explícita do seu Filho.²²

Cristo inclina a cabeça para entregar a alma; Ele dirige o seu Espírito em direção do grupo amado que está junto à Cruz e que prefigura a Igreja, de modo que para São João, a morte de Cristo não é um momento de sofrimento, de escárnio e de desolação universal, mas é o começo do grande triunfo. A entrega do espírito simboliza a doação do Espírito Santo ou o Espírito de Jesus a Maria e a João, como representantes da Igreja em gestação naquele momento.²³ Jesus entregou o seu Espírito, ou seja, morreu dando a sua vida mais profunda para a Mãe e para o discípulo amado, num gesto de criação eclesial. Jesus entrega sua vida nas mãos de Deus para que a humanidade, representada pela mãe e pelo discípulo, possa permanecer cheia de Espírito, ou seja, de vida e da graça verdadeira. Este Espírito é doado ao Discípulo, que procura ser filho da Mulher, Maria e a Igreja.²⁴

O diálogo que se estabeleceu entre Jesus, sua mãe e o discípulo amado estão teologizados, e por meio deles se quer mostrar algo maior do que uma pura disputa intra-familiar, choque esse já superado. O que importa é que Jesus possa ser visto como o grande revelador de Deus, a fonte do Espírito no centro da luta deste mundo. Para São João, é importante também que Maria, aquela Mãe, a Mulher, que começou conduzindo os outros à palavra de Jesus, como ocorreu nas Bodas de Caná, uma vez percorrido o caminho do seguimento, encontre-se no final, dolorosa e fiel, no campo do calvário,²⁵ como está relatado em Jo 19,25-27.

²² Ibid., p. 42.

²³ Cf. LOISY, A. *Le Quatrième Évangile*. Paris 1921, 490, *apud* Eleizalde, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 42.

²⁴ Cf. POTTERIE, I. de la. *María y la Santísima Trinidad em San Juan*, op. cit., p. 42-43, *apud* ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 42.

²⁵ Cf. PIKAZA, Xabier. *María e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 55.

Na cena da cruz, há dois níveis para serem considerados: primeiro, no plano da história externa, judeus e romanos condenam Jesus, como culpado que morre por suas culpas; porém, numa dimensão mais profunda, o próprio Jesus é que sobe à cruz, e ali realiza a sua grandeza salvadora. Em São João, se unem os traços de paixão e páscoa, de forma que a morte é glorificação, é Páscoa, e o Calvário é o lugar da Ressurreição, pois a luz da glória de Jesus transfigurou cada um dos elementos de sua paixão e, sem tirar-lhes seu caráter de morte verdadeira e dolorosa, tingiu-os de plenitude e realização escatológica.²⁶

Estamos aqui no centro do *quérigma*, da narrativa do evento salvífico, e dentro deste quadro se encontra o relato da presença de Maria e do discípulo amado aos pés da cruz: “Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis a tua mãe! E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,25-27).

Para São João, o Espírito e a Igreja nascem da cruz, provêm do glorioso corpo-vida de Jesus glorificado, a ponto de que toda a verdade de Jesus e dos seus já se exprime no calvário, testemunhado por duas pessoas, Maria e o discípulo amado, e que se convertem em sinal da Igreja.

Maria, a mãe física de Jesus e representante do povo israelita, é a primeira testemunha, após ter percorrido um longo caminho de provação e de esperança, de fidelidade e de busca, conduzindo os homens a Jesus, mas agora está aos pés da cruz, para cumprir aquilo que ela mesma recomendou nas bodas de Caná: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). E Jesus, olhando para a sua mãe diz: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,26). “Ela tem de receber o discípulo amado, todos os cristãos irmãos e amigos de Jesus, como seus filhos verdadeiros. Ela já não é dona do Messias. Não gerou um filho, a fim de dedicá-lo a interesses egoístas e exclusivos. Chegando aqui, ela descobre que gerar Jesus significa aceitar seus discípulos, oferecer-lhes toda a sua experiência de caminho de esperança e realizar com eles sua jornada”.²⁷

²⁶ Ibid., p. 56.

²⁷ PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 57.

O discípulo amado representa todos os cristãos, todos os fiéis que descobrem o segredo de Jesus e reconhecem a sua presença (Jo 21,7). Na verdade, ele representa, mais do que uma pessoa ou grupo determinado, a verdade profunda de todos os fiéis da Igreja, a quem Jesus diz na pessoa de João: “Eis a tua mãe” (Jo 19,27).²⁸

O sentido profundo desse texto é que Maria representa, ao pé da cruz, uma função simbólica diante do “discípulo” que Jesus amava, da mesma ordem como em Caná, onde ela pela sua atitude mostra que crê antes da realização do “sinal”, simbolizando a fé perfeita da Igreja que convida os homens a se voltarem para o Cristo.²⁹ Aos pés da cruz Maria convida igualmente a dirigirmos o nosso olhar para o seu Filho crucificado, pois ela sabe na sua fé, de maneira antecipada, o alcance decisivo desse gesto de seu Filho. O “discípulo amado” é aqui o tipo perfeito daquele que crê, e é a ele que Jesus confia sua mãe, ao mesmo tempo ele lhe entrega como mãe. A maternidade da Igreja, representada, assim, em figura no momento em que tudo “está consumado” (Jo 19,30b), é tema que se vê confirmado em outro lugar no Novo Testamento (Gl 5,26). A maternidade corporal de Maria, em relação ao Filho de Deus feito carne, funda uma maternidade espiritual que é realização em plenitude da primeira, resultante de vontade formal de Jesus: “eis teu filho... eis tua mãe!” O alcance inesgotável deste simbolismo liga intimamente o mistério da Igreja ao mistério de Maria tão bem que a reflexão teológica pode esclarecê-los um pelo outro.³⁰ “A tese de fundo, aprofundada pelas contribuições atuais mais qualificadas sobre Jo 19,25-27, refere-se ao valor ‘eclesial’ do testamento de Jesus, expresso nas palavras: ‘Eis o teu filho... Eis a tua mãe!’ A vontade de Jesus não tem caráter meramente privado, familiar. Em outras palavras, ele não se preocupa apenas em dar abrigo e conforto à sua mãe, que ficará sozinha.³¹ Em suas

²⁸ Cf. *ibid.*, 57.

²⁹ Cf. GRELOT, P. *Marie dans l'Écriture Sainte*, In: Marie, 1-31, Paris, 1980, p. 25.

³⁰ *Ibid.*, p. 25.

³¹ ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 58: “uma interpretação estrita onde só se diga que ‘a acolheu fisicamente na casa’ parece demasiado estreita, eu diria quase aberrante. Maria continua tendo outros parentes (cf. 19,25); toda a comunidade cristã é casa que deve ser compartilhada entre os fiéis. Por isso é preferível a tradução em que se diz que o discípulo recebeu a mãe de Jesus ‘entre os seus bens’, a acolheu como ‘tesouro pleno’, como princípio de sua própria vida. Em outras palavras, a partir do mistério de Jesus, que morre em gesto de exaltação, sua mãe (Israel, Maria) terá de ser para sempre mãe de seus fiéis e crentes.

palavras, há muito mais do que isso. Elas revestem um alcance 'eclesial', no sentido que se referem a todos os discípulos, de quem o discípulo amado é figura. Este ato de Jesus sai da esfera privada e constitui um dos principais momentos de sua obra salvífica".³² Com efeito, a exegese nos tem mostrado até hoje que, em Jo 19,25-27, o "discípulo amado" representa o tipo do discípulo perfeito; o texto põe em evidência a virgindade perpétua de Maria;³³ "exprime o desvelo filial de Jesus para com sua mãe, que ficará sozinha e necessitada de ajuda, apresenta Maria como símbolo da Igreja; proclama a maternidade espiritual de Maria".³⁴

As palavras de Jesus à sua mãe e ao discípulo amado não têm, pois, significado simplesmente moral de ato de piedade filial. Se fosse somente ato de piedade filial, a questão que se colocaria é: por que Jesus ter-se-ia preocupado com o futuro pessoal de sua mãe somente no momento de sua morte?³⁵ O caráter solene do pronunciamento das palavras de Jesus, na sua "hora", no momento culminante da redenção, no momento em que ele "derrama" o Espírito (cf. Jo 19,30c.34), primícias da redenção, tudo isso nos leva a supor intenção soteriológica nas palavras de Jesus: "Mulher, eis o teu filho!"... "Eis a tua mãe! Dizendo, 'eis a tua mãe' ao 'discípulo amado', modelo perfeito daquele que crê, Jesus quis oferecer um dom concreto de salvação, fruto da redenção (Jo 19,28-30) que acaba de se consumir".³⁶ Muito mais do que falar em ato co-redentor de Maria aos pés da cruz, poder-se-ia dizer que ela é a primeira a se beneficiar em plenitude da redenção, e como a

Por outro lado, os crentes amigos de Jesus, terão de receber sua mãe verdadeira; assim o farão, geração após geração, Igreja após Igreja".

³² SERRA, A. M. In: DE FIORES S.; MEO S. (Org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 232-246. Os principais testemunhos dos Padres da Igreja na interpretação de 19,26-27 são: ORIGENES, *Comentarium in Johannem* 1,6 (PG 14,31-32); S. EPIFANIO, *Panarion* 111,78 (PG 41,713-714); S. AGOSTINHO, *Commentarium in Johannis Evangelium*, *Tractatus CXIX*, 2 (PL 35, 1950-1951); S. AMBRÓSIO *Expositio evangelii secundum Lucam* X, 134 (PG 15,1931); JORGE DE NICOMÉDIA PG 100, 1474-1476.

³³ Cf. S. EPIFANIO, PG 42,713-714: "Se Maria tivesse filhos, se tivesse ficado com um marido, por que teria ele confiado Maria a João?"

³⁴ SERRA, A. M. In: DE FIORES S.; MEO S. (Org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 232-246: "Dizendo à mãe: 'Mulher, eis o teu filho', e ao discípulo: 'Eis a tua mãe!', Jesus constitui Maria 'mãe' de todos os seus discípulos, representados pelo discípulo amado ali presente. A Virgem é portanto mãe espiritual de todos os crentes: é mãe da Igreja. Não por invenção nossa, e sim por vontade de Cristo".

³⁵ Cf. THURIAN, M. *Marie, Mère du Seigneur*. 4. ed. Paris, 1983, p. 241.

³⁶ Cf. MÜLLER, A. *Glaubensrede über die Mutter Jesu. Versuch einer Mariologie in heutiger Perspektive*, 1980, p. 59.

nova Eva, a “mulher” por excelência, totalmente salva, a “mãe dos viventes”, é oferecida na fé à humanidade, como graça personificada de Deus, e podemos dizer que temos aqui o fundamento do culto marial na Igreja.

Depois da cena de Maria e do discípulo amado aos pés da cruz, Jesus inclina a cabeça e entrega o Espírito (*paredoken pneuma*) (Jo 19,30). O *pneuma* de Jesus não é simplesmente o seu hálito de vida humana, pois na aparente derrota de sua vida, Jesus como Senhor glorificado, oferece ao mundo o Espírito de Deus que é o seu próprio Espírito. É o Pentecostes acontecendo em contexto de calvário, de maneira que aquilo que vem depois da páscoa (Jo 20,22) é uma ratificação oficial, em um contexto de envio missionário, da verdade que a cruz exprime no centro da vida eclesial.³⁷

Entre os textos da literatura joanina, temos ainda o capítulo 12 do livro do Apocalipse. Não temos aqui uma menção explícita do Espírito Santo. A Mulher aqui deve ser entendida sobre um fundo de Espírito. “O Espírito é, no AT, o poder de fecundidade de Deus, o âmbito de vida do qual surge o rei-messias (Lc 1,35; Mt 1,18-25. Pois bem, o Espírito é, ao mesmo tempo, a vida misteriosa da Igreja, como se deduz de Ap 3,12-13, comparado com 1,4-5. Não diremos que há entre ambos plena identidade, mas há pelo menos abertura e referência muito intensa. Por isso, quando no final do Apocalipse se apresenta a mulher em forma de Esposa do Cordeiro, como Igreja unida nupcialmente ao Cristo (Ap 21,2ss.9 passim), introduz-se esta oração: “O Espírito e a Esposa dizem: vem (Jesus)” (Ap 22,17). Espírito e esposa formam uma misteriosa unidade, um todo de esperança, de abertura e reverência. Pois bem, a partir de Lc 1,35 e da lógica de todo o Ap 12, podemos afirmar que a figura de Maria, como expressão por excelência da mulher e da esposa, deve encontrar-se perto do Espírito. Entre ela e o Espírito existirá uma referência mútua de informação e de sentido”.³⁸

CONCLUSÃO

Analizamos alguns dos textos importantes da tradição neotestamentária sobre o Espírito Santo e Maria. São textos que possuem uma grande

³⁷ Cf. PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 58.

³⁸ PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*, p. 63.

riqueza para a compreensão do mistério de Cristo. O relato de São Lucas nos mostrou que Maria não foi um elemento passivo na concepção de Jesus, isso porque ela aceitou positiva e voluntariamente o desígnio eterno do Pai de enviar o seu Filho, e ela se mostrou totalmente disponível à vontade divina. São Lucas insiste também na dimensão interpessoal da relação entre a mãe de Jesus e o Espírito Santo, a ponto de que ela não é somente *pneumatophóros*, mas também *pneumatoformis* já que revela e atua uma dimensão do mistério do Espírito. São Lucas faz também um paralelismo entre o nascimento de Jesus e o nascimento da Igreja, no dia de Pentecostes, ambos são obras do Espírito Santo e, em ambos, Maria teve uma função essencial.³⁹ São João apresenta uma doutrina similar, embora numa perspectiva diferente. Maria, na cruz, foi constituída mãe do povo da nova aliança, personificando a Igreja que nasce do lado de Cristo, pelo poder do Espírito que Jesus derramou como primícias da redenção.

BIBLIOGRAFIA

- AMATO, A. *Espírito Santo*. In: Fiore, Stefano de (et alii). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1980.
- BUCKER, Barbara P.; Boff, Lina; Avelar, Maria Carmen. *Maria e a Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ELEIZALDE, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010.
- FIORES, Stefano de. *María em la teología contemporánea*. Salamanca: Sígueme, 1991.
- FIORES, Stefano de. *La Santísima Trinidad Misterio de Vida. Experiencia trinitária en comunión con María*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002.
- RATZINGER, Joseph Cardeal; VON BALTHASAR, Hans Urs. *Maria primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica Coimbra, s.d.
- PIKAZA, Xabier. *La madre de Jesús. Introducción a la mariología*. Salamanca: Sígueme, 1990.
- PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo. Notas para uma mariologia pneumatológica*. São Paulo: Loyola, 1987.
- NEVES, Audálio. *Maria no Evangelho*. São Paulo: Loyola, 1987.

³⁹ Cf. Eleizalde, J. L. Bastero de. *El Espíritu Santo y María. Reflexión histórico-teológica*. Pamplona: EUNSA, 2010, p. 43.